

FINALISTA DO PRÊMIO GOODREADS PARA MELHOR FICÇÃO ROMÂNTICA

CHRISTINA
LAUREN



A
VARIÁVEL
do AMOR

TOP
SEL
LER

Terá a ciência
mais força do
que o destino?

*Para Holly Root,
a nossa Compatibilidade Diamante*

Capítulo 1

Jessica Davis costumava achar que o facto de apenas vinte e seis por cento das mulheres acreditarem no amor verdadeiro era uma verdadeira tragédia. Isto, claro, há quase uma década, quando não conseguia imaginar um futuro em que não estivesse perdida e apaixonadamente obcecada pelo homem que um dia viria a ser o seu ex. Esta noite, porém, no seu terceiro primeiro encontro em sete anos, esta percentagem deixava-a espantada por lhe parecer tão elevada.

— Vinte e seis por cento — murmurou, inclinando-se sobre o espelho da casa de banho para pôr batom. — Vinte e seis mulheres em cada cem acreditam que o amor verdadeiro existe. — Soltou uma gargalhada, enquanto encaixava a tampa do batom, e o seu reflexo no espelho retribuiu-lhe a gargalhada. Infelizmente, a noite estava longe do fim. Ainda teria de sobreviver ao primeiro prato; as entradas pareciam ter demorado quatro anos. Claro que uma parte desta sensação se devia ao facto de Travis falar com a boca cheia, partilhar em demasia histórias altamente específicas sobre ter encontrado a mulher na cama com o seu sócio e sobre o divórcio difícil e confuso que se seguiu. Contudo, na escala de classificação de primeiros encontros, este podia ser pior, pensou Jess. Este encontro estava a ser melhor do que o último, em que o tipo estava tão bêbedo quando chegou ao restaurante que começou a dormir mesmo antes de pedirem a comida.

— Vá lá, Jess. — Guardou o batom na mala. — Não vais ter de confeccionar esta refeição, de a servir, nem de levantar

a mesa no fim. Só a louça que não vais ter de lavar vale pelo menos mais uma história amargurada sobre a ex-mulher dele.

A porta de um dos cubículos abriu-se, sobressaltando-a, e surgiu uma loura esguia. Olhou para Jess com uma evidente expressão de pena.

— Sim, eu sei — assentiu Jess com um gemido. — Estou a falar comigo mesma ao espelho de uma casa de banho. Só isso diz-lhe exatamente como a minha noite está a correr.

A loura não se riu. Nem sequer lhe ofereceu um sorriso de cortesia, quanto mais de camaradagem. Ao invés, afastou-se o mais possível e foi lavar as mãos no último lavatório da bancada.

Enfim.

Jess recomeçou a revistar o interior da mala, mas não conseguiu evitar olhar para a outra ponta da bancada. Sabia que não era de bom-tom fitar as pessoas, mas a maquilhagem da outra mulher era impecável, as unhas arranjadas na perfeição. Como é que algumas mulheres conseguiam fazer aquilo? Para Jess, sair de casa com o fecho da braguilha fechado já era uma vitória. Em certa ocasião, fizera uma apresentação inteira a um cliente sobre os dados do ano fiscal com quatro ganchos brilhantes de Juno, em forma de borboletas, presos na lapela do *blazer*. Esta desconhecida deslumbrante não devia ter tido de mudar de roupa depois de limpar purpurina de uma gata e de uma menina de 7 anos. Provavelmente, nunca tivera de pedir desculpa por chegar atrasada. E o mais certo era nunca precisar de fazer a depilação — devia ser naturalmente suave por todo o lado.

— Está a sentir-se bem?

Jess pestanejou, regressando à realidade, apercebendo-se de que a loura estava a falar consigo. Não tinha como fingir que não estava a fitar o decote daquela desconhecida.

Resistindo ao impulso de tapar os seus atributos bastante menos impressionantes, fez um aceno tímido e envergonhado.

— Desculpe, estava aqui a pensar que o seu gato também não deve estar coberto de purpurinas.

— O meu quê?

Jess virou-se novamente para o espelho. *Jessica Marie Davis, controla-te, mulher!* Ignorando o facto de que a loura continuava a olhar para ela, canalizou a avó Jo para o espelho, dizendo em voz alta:

— Ainda tens muito tempo. Sai daqui, come um pouco de *guacamole* e a seguir vai para casa. Estas coisas não têm um tempo certo.

— Só estou a dizer que o tempo não espera por ninguém. — Fizzy acenou em direção ao traseiro de Jessica. — Sabes que esse rabioso não vai permanecer firme e arrebitado para sempre, não sabes?

— Talvez não — respondeu Jess —, mas também não é o *Tinder* que me vai ajudar a encontrar um homem de jeito que mo segure.

Fizzy empinou o queixo, em jeito de defesa.

— Pois olha que eu tive algum do melhor sexo da minha vida com homens que conheci no *Tinder*. Juro por Deus, tu desistes demasiado depressa. Estamos numa era em que as mulheres reclamam o prazer para si e não pedem desculpa se lhes apetecer uma ou duas vezes e mais outra para o caminho. O Travis podia estar obcecado com a ex-mulher, mas eu vi a fotografia dele, e ele era tão giro que até dói. Talvez tivesse sacudido o teu mundo durante uma hora ou duas depois dos churros, mas agora nunca vais saber, porque vieste embora antes da sobremesa.

Jess hesitou. Talvez Fizzy tivesse razão...

— Caramba, Fizzy.

A sua melhor amiga recostou-se, com um ar muito satisfeito consigo mesma. Se Felicity Chen decidisse começar a vender

produtos da Amway, Jess limitar-se-ia a entregar-lhe a carteira e pronto. Fizzy era uma mistura de carisma, feitiçaria e mau discernimento. Estas qualidades faziam dela uma excelente escritora, mas eram também, em parte, a razão pela qual Jess tinha a letra de uma canção tatuada no interior do pulso direito — com erros ortográficos! —, a força motriz por detrás da franja desastrosa que fizera em 2014, que em nada se assemelhava à de Audrey Hepburn, mas que lhe durara seis deprimentes meses, e também o motivo para ter ido a uma festa temática em Los Angeles que se viera a revelar um encontro de *bondage* e sadomasoquismo numa cave transformada em masmorra. Quando Jess lhe dissera «Trouxeste-me para uma festa de sexo numa masmorra?», Fizzy respondera: «Então, em LA toda a gente tem masmorras!»

Fizzy prendeu uma madeixa do cabelo preto e lustroso atrás da orelha.

— Muito bem, vamos planear o teu próximo encontro.

— Não. — Jess abriu o portátil e entrou no e-mail. Porém, mesmo com a atenção concentrada noutra tarefa, era impossível não dar pela expressão carrancuda de Fizzy. — É difícil quando se tem filhos.

— Isso serve-te de desculpa para tudo.

— Porque tenho uma filha.

— Também tens avós, que vivem na porta ao lado e que não se importam nada de ficar com ela quando vais a encontros, e tens uma melhor amiga que acha que a tua filha é muito mais fixe do que tu. Todos queremos que sejas feliz, mais nada.

Jess sabia que era verdade. Fora por isso que inicialmente concordara em experimentar o *Tinder*.

— Muito bem, deixa-me fazer-te a vontade, então — disse. — Vamos supor que conheço alguém espantoso. Onde é que posso enrolar-me com ele? Quando a Juno tinha 2 anos era diferente. Agora, tenho uma miúda de 7 anos, com o sono leve

e uma audição perfeita, e, da última vez que fui a casa de um homem, estava tudo tão desarrumado que, quando me levantei para ir à casa de banho, tinha uns boxers colados às costas.

— Que nojo.

— Concordo.

— Ainda assim... — Fizzy esfregou o dedo sob o lábio, pensativa. — Os pais solteiros conseguem desenrascar-se, Jess. Olha só os pais do *The Brady Bunch*.

— O teu melhor exemplo é uma *sitcom* que já tem mais de 50 anos? — Quanto mais Fizzy tentava convencê-la, menos vontade Jess tinha de voltar ao mundo dos encontros. — Em 1969, apenas 13 por cento dos pais eram solteiros. A Carol Brady era uma mãe muito à frente do seu tempo. Eu, não.

— *Latte* de baunilha! — gritou Daniel, o empregado, por cima do burburinho do café.

Fizzy fez um gesto a Jess para indicar que ainda não acabara de a massacrar e levantou-se para ir buscar a sua bebida.

Jess vinha ao café *Twiggs* todos os dias úteis quase desde que começara a trabalhar como freelancer. A sua vida decorria basicamente num raio de quatro quarteirões, o que a tornava bastante fácil de gerir. Levava Juno à escola, ao fundo da rua onde viviam, enquanto Fizzy se instalava na melhor mesa do café — longe da entrada e da luz direta da janela, mas perto de uma tomada que ainda não estava solta da parede. Jess tratava dos seus números, enquanto Fizzy escrevia romances, e, num esforço para não serem parasitas do café, pediam qualquer coisa para comer ou beber a cada hora e meia, o que acrescentava o benefício de as incentivar a trabalhar mais e conversar menos.

À exceção de hoje. Jess já percebera que Fizzy ia ser implacável com ela.

— Muito bem. — A amiga regressou com o *latte* e um queque de mirtilos enorme e demorou algum tempo a reencontrar o fio à meada. — Onde é que eu ia?

Jess manteve os olhos no e-mail aberto à sua frente e fingiu estar a ler.

— Acho que ias dizer que a vida é minha e que eu devo fazer o que me parecer melhor.

— Ambas sabemos que eu nunca diria uma coisa dessas.

— Porque é que eu sou tua amiga?

— Porque eu te immortalizei como a vilã do *Renda Carmesim*, e, como te tornaste uma das favoritas do grande público, não posso matar a tua personagem.

— Às vezes questiono-me se tu respondes realmente às minhas perguntas ou se te limitas a continuar com a conversa que se está a desenrolar na tua cabeça — resmungou Jess.

Fizzy começou a retirar o papel do queue.

— O que eu ia dizer era que não podes atirar a toalha ao chão por causa de um mau encontro.

— Mas não é só por causa de um mau encontro — retorquiu Jess. — É pelo processo cansativo e quase alienígena de tentar agradar aos homens. Eu sou especialista em estatística, trabalho como freelancer e considero que a minha velha t-shirt da *Buffy* e uns calções de ganga são a roupa mais sensual que tenho. O meu pijama favorito é uma camisola interior velha do meu avô e umas calças de yoga de grávida.

— Oh, não — choramingou Fizzy, num tom suplicante.

— Oh, sim — replicou Jess, com veemência. — E a acrescentar a tudo isso, tive uma filha quando a maioria das pessoas da nossa idade ainda fingia gostar de *Jägermeister*. É difícil fazer-me parecer elegante num perfil de aplicações de encontros.

Fizzy riu-se, e Jess acrescentou:

— Detesto roubar tempo que poderia passar com a Juno para ir sair com um tipo qualquer que provavelmente nunca voltarei a ver na vida.

Fizzy interiorizou esta última frase por um instante, com os olhos negros fixos, absolutamente incrédula.

— Então... estás a dizer que... desistes? Jessica, tu foste a três encontros com três homens lindos, ainda que entediados.

— Sim, desisto até a Juno ser um pouco mais velha.

A amiga fitou-a com desconfiança.

— Um pouco mais velha? Quão mais velha?

— Não sei. — Jess pegou no café, mas a sua atenção desviou-se quando o homem a quem chamavam Americano entrou no Twiggs à hora do costume, precisamente às 8h24, e se encaminhou para o balcão, com as suas longas pernas, o seu cabelo escuro, a sua vibração carrancuda, sem estabelecer contacto visual com ninguém. — Talvez quando ela for para a faculdade?

Quando os olhos de Jess se desviaram do Americano, depararam-se com uma onda de horror no rosto da amiga.

— Para a *faculdade*? Quando ela tiver 18 anos? — Fizzy baixou a voz quando todas as cabeças no café se viraram para elas. — Estás a dizer-me que, se eu escrever um livro sobre a tua futura vida amorosa, estarei a descrever uma protagonista que irá mostrar alegremente o seu corpo a um homem pela primeira vez nos últimos 18 anos? Ah, querida, não. Nem a tua vagina perfeitamente preservada consegue aguentar tanto tempo.

— Felicity.

— Iria parecer um túmulo egípcio. Praticamente mumificada — murmurou Fizzy, bebendo um gole.

Junto ao balcão do café, o Americano pagou a bebida e desviou-se para o lado, distraído a escrever qualquer coisa no telemóvel.

— Qual será a cena dele? — perguntou Jess, discretamente.

— Tens uma paixão assolapada por ele — comentou Fizzy. — Dás-te conta de que ficas a observá-lo sempre que ele entra no café?

— Talvez porque acho a postura dele fascinante.

Fizzy baixou os olhos para o traseiro dele, por momentos escondido atrás de um casaco azul-marinho.

— Agora chamamos-lhe «postura», é? — Inclinou-se, escrevendo algo no bloco de notas, ao lado do portátil.

— Ele entra aqui e emite uma vibração implacável, como se fosse capaz de assassinar seja quem for que tente falar com ele — observou Jess.

— Talvez seja um assassino profissional.

Jess também o observou de alto a baixo.

— Parece-me mais um professor de arte medieval socialmente obstinado. — Tentou lembrar-se de quando ele começou a frequentar o café. Talvez há dois anos? Vinha quase todos os dias de manhã, à mesma hora, e pedia a mesma bebida, exibindo sempre um silêncio taciturno. Aquele bairro era pitoresco, e o Twiggs funcionava como o seu centro nevrálgico. As pessoas iam até ali para relaxar, para beber um café e conversar. O Americano destacava-se, não por ser diferente ou excêntrico, mas por estar sempre absolutamente silencioso num espaço cheio de gente barulhenta, doida e encantadora. — Veste-se bem, mas as roupas escondem uma pessoa rabugenta — murmurou Jess.

— Bem, talvez ele precise apenas de dar uma queca, como alguém que eu conheço.

— Fizz. Eu já fiz sexo depois de a Juno nascer — replicou Jess, num tom exasperado. — Só estou a dizer que não me resta muita paciência para me comprometer com alguém, e não estou disposta a aguentar encontros aborrecidos ou simplesmente pavorosos em troca de eventuais orgasmos. Já se fabricam aparelhos a pilhas que surtem o mesmo efeito, sabias?

— Não estou a falar apenas de sexo — retorquiu Fizzy. — Estou a falar da tua tendência para te pões sempre em último lugar. — Fez uma pausa e acenou a Daniel, que estava ali perto a limpar uma mesa. — Conseguiste apanhar tudo o que eu disse, Daniel?

Ele endireitou-se e esboçou-lhe o sorriso que a levava a inspirar-se nele para criar o protagonista de *Destino Diabólico* e a fazer-lhe, no livro, toda a espécie de coisas atrevidas que não se atrevia a fazer na vida real.

E nunca as faria: Daniel e Fizzy tinham saído uma vez no ano anterior, mas acabaram tudo rapidamente quando se cruzaram numa reunião familiar. Da família de ambos.

— Quando é que não conseguimos ouvir o que tu dizes? — perguntou ele.

— Ótimo. Nesse caso, diz à Jess que eu tenho razão, por favor.

— Queres que eu dê a minha opinião sobre se a Jess deve estar no *Tinder* só para dar umas quecas? — perguntou Daniel.

— Pronto, a sério — gemeu Jess. — Sinto que cheguei ao fundo do poço.

— No *Tinder* ou na aplicação de encontros que ela preferir! — exclamou Fizzy, ignorando-a. — Esta mulher é sexy e jovem. Não devia desperdiçar os anos bons que lhe restam enfiada em calças de ganga largueironas e camisolas velhas.

Jess olhou para a roupa que tinha vestida, preparada para protestar, mas as palavras murcharam-lhe na garganta.

— Talvez não — anuiu Daniel —, mas, se ela é feliz assim, o que importa se se veste de forma mais descontraída?

Jess sorriu para Fizzy com uma expressão de triunfo.

— Estás a ver? O Daniel está mais ou menos do meu lado.

— Sabes uma coisa? — disse ele, fitando-a enquanto enrolava o pano numa bola, ostentando o seu ar convencido de quem tinha informações privilegiadas. — O Americano também é um romântico.

— Deixa-me adivinhar — respondeu Jess, com um sorriso travesso. — É o anfitrião de uma masmorra de sexo temática, inspirada nos guerreiros *dothraki*?

Fizzy foi a única a rir-se. Daniel encolheu os ombros com timidez.

— Ele está prestes a lançar uma empresa com tecnologia de ponta que estabelece a compatibilidade entre as pessoas.

As duas mulheres ficaram em silêncio. *Uma quê?*

— Ele é casamenteiro? — perguntou Jess. — O mesmo Americano que é teu cliente regular, mas que nunca sorri para ninguém? Apontou para a porta por onde ele saíra há cerca de um minuto. — *Aquele* tipo? Com a sua postura intensa e sensual soterrada sob o ar antissocial e sorumbático?

— Esse mesmo — respondeu Daniel, assentindo com a cabeça. — Até podes ter razão em presumir que ele precisa de dar umas quecas, mas, cá para mim, ele safa-se bem sozinho.

Pelo menos esta tangente de Fizzy, em particular, acontecera numa segunda-feira — às segundas-feiras, o avô de Jess ia sempre buscar Juno à escola e levava-a à biblioteca. Jess conseguira elaborar uma proposta para a Genentech, marcar uma reunião com a Whole Foods para a semana seguinte e rever algumas folhas de cálculo, antes de regressar a casa e começar a preparar o jantar.

Tinha um carro com dez anos, com menos de 50 mil quilómetros, e usava-o tão poucas vezes que nem se lembrava da última vez em que atestara o depósito. Enquanto caminhava até casa, constatou, satisfeita, que tudo no seu mundo se localizava a curta distância. A zona de University Heights era composta pela mistura perfeita de blocos de apartamentos e casas desirmanadas, aninhadas entre pequenos restaurantes e negócios independentes. Para ser franca, o único ponto positivo do jantar da noite anterior fora que Travis concordara em encontrar-se com ela no El Zarape, apenas a duas portas da sua casa. Pior do que a conversa mais aborrecida da história dos jantares, teria sido ver-se obrigada a conduzir até Gaslamp para a ter.

Faltava cerca de uma hora para anoitecer e o céu adquirira uma tonalidade pesada, azul-acinzentada, numa ameaça de

chuva que deixaria os condutores do Sul da Califórnia num confuso frenesim. Uma multidão dispersa conversava, na agitação própria das segundas-feiras, na esplanada de uma cervejaria nova gerida por neozelandeses, um pouco mais abaixo, e a sempre presente fila do Bahn Thai transformava-se rapidamente num emaranhado de corpos esfomeados; três traseiros e os seus respetivos proprietários estavam nesse momento a ignorar o sinal que proibia os clientes do restaurante de se sentarem na soleira da porta vizinha. O inquilino dos avós de Jess, o Sr. Brooks, instalara uma câmara sobre as campainhas dos apartamentos da frente, e, quase todas as manhãs, fazia um relato detalhado de como muitos estudantes universitários fumavam os seus cigarros eletrónicos na sua soleira enquanto aguardavam por uma mesa.

A casa de Jess surgiu no seu campo de visão. Quando Juno tinha 4 anos, dera ao prédio o nome de «Mansão Harley», e, apesar de o espaço não ter o ar pretensioso de uma Mansão — com maiúscula —, o nome acabou por pegar.

A Mansão Harley era verde-clara e destacava-se como uma esmeralda, em contraste com os edifícios adjacentes de cores terrosas. A fachada virada para a rua era decorada por uma tira horizontal de azulejos cor-de-rosa e lilases que formavam um padrão aos losangos; as floreiras das janelas, num tom de rosa-choque, exibiam as coloridas flores de *mandevilla* durante quase todo o ano. Os avós de Jess, Ronald e Joanne Davis, compraram a propriedade no ano em que o avô de Jess se aposentara da Marinha. Por coincidência, fora no mesmo ano em que o namorado de longa data de Jess decidira que «não fora feito para ser pai», preferindo optar pela possibilidade de enfiar o seu pénis noutras mulheres. Jess acabara a faculdade, pegara em Juno, que na altura tinha 2 meses, e mudara-se para o apartamento de dois quartos mesmo em frente à casa dos avós, ao fundo do jardim da Mansão. Uma vez que estes tinham

criado Jess numa casa nas redondezas, em Mission Hills, até ela ir para a UCLA, a transição fora praticamente nula. E, agora, a sua pequena e perfeita aldeia ajudava-a a criar a sua filha também.

O portão lateral abriu-se com um minúsculo guincho, fechando-se depois atrás de si. Percorrendo um carreiro estreito, Jess dirigiu-se ao pátio que separava o seu apartamento da casa dos avós. O espaço parecia um jardim luxuriante algures no Bali ou na Indonésia. As fontes de pedra gorgolejavam calmamente, e a sensação principal do jardim era brilhante: as buganvílias, nos seus tons de magenta, coral e lilás, dominavam as paredes e as vedações.

Assim que Jess entrou, uma criança pequena, com tranças francesas imaculadas, abalroou-a.

— Mãe, trouxe da biblioteca um livro sobre cobras, sabias que elas não têm pálpebras?

— Eu...

— E também comem a comida inteira, e as orelhas delas ficam do lado de dentro da cabeça. Adivinha onde nunca vais encontrar uma cobra? — Juno fitou-a, com os olhos azuis, sem pestanejar. — Adivinha.

— No Canadá?

— Não! Na Antártida!

Jess entrou em casa, dizendo por cima do ombro:

— Não pode ser!

— Ah, pode, pode! Lembras-te da cobra-capelo no filme *O Cavalo Preto*? Pois, as cobras-capelo são as únicas que fazem ninhos e podem viver até 20 anos.

Esta informação deixou Jessica realmente impressionada.

— Espera, a sério? — Pousou a mala no sofá, que ficava mesmo ao lado da porta, e dirigiu-se para a despensa para procurar ingredientes para o jantar. — Isso é uma loucura.

— Sim, a sério.

Juno ficou muito calada, atrás dela, e Jess percebeu de imediato o que se passava, sentindo um peso a comprimir-lhe o peito. Virou-se, deparando-se com a filha com aquela expressão de olhos arregalados que antecedia sempre uma súplica.

— Juno, querida, nem pensar.

— Por favor, mãe!

— Não.

— O avô disse que talvez pudesse ser uma cobra-do-milho. O livro diz que elas são «muito dóceis». Ou então talvez um pitão-real?

— Um pitão? — Jess pousou uma panela com água em cima do fogão. — Estás doida, miúda? — Apontou para a gata, que se chamava *Pomba*, e que estava a dormir nos resquícios de sol que ainda entravam pela janela. — Um pitão ia comer aquela criatura.

— Um *pitão-real*, e eu não ia deixar.

— Se o avô te está a encorajar a arranjar uma cobra, podem ficar com ela na casa dele — disse Jess.

— Pois, mas a avó Jo já disse que não.

— Claro.

Juno resmungou e deixou-se cair no sofá. Jess aproximou-se e sentou-se ao seu lado, puxando-a para um abraço. A menina tinha 7 anos, mas era pequena, ainda com mãos de bebé e covinhas nos nós dos dedos, e cheirava a champô de bebé e às fibras lenhosas dos livros. Quando Juno envolveu o pescoço da mãe com os braços, Jess inspirou os aromas da filha. Ela agora já tinha o seu próprio quarto, mas dormira com a mãe até aos 4 anos, e, por vezes, quando Jess acordava a meio da noite, sentia uma pontada de saudades do peso quente da sua bebé nos braços. A mãe de Jess costumava aconselhá-la a desabituar Juno de dormir com ela, mas a última coisa que Jamie Davis devia dar a alguém era conselhos de parentalidade. Além de que nunca mais ninguém ocupara o outro lado da cama.

E Juno era uma mestre dos mimos, uma medalhada de ouro olímpica na arte de se aninhar nos braços da mãe. Encostou o rosto ao pescoço de Jess e inspirou, aproximando-se ainda mais.

— Ontem à noite tiveste um encontro, mãe — murmurou.

— Sim.

Juno ficara muito entusiasmada com o encontro da mãe, não só porque adorava os bisavós e porque a avó Jo cozinhava para ela quando Jess saía, mas também porque tinham visto recentemente o filme *Aventuras Fora de Horas* e Fizzy dissera-lhe que era um retrato muito fiel de como eram os encontros. Na cabeça de Juno, Jess até podia acabar por sair com Thor.

— Foste ao centro da cidade? Ele levou-te flores? — perguntou, recuando. — Beijaste-o?

Jess soltou uma gargalhada.

— Não, não beijei. Fomos só jantar e depois vim a pé para casa.

Juno observou-a, de olhos semicerrados. Parecia ter a certeza de que os encontros não deveriam ser só aquilo. Levantou-se de um salto, como se se tivesse lembrado de alguma coisa, e foi a correr até à mochila, pousada junto da porta.

— Também trouxe um livro para ti.

— Trouxeste?

Juno regressou para o colo da mãe e entregou-lhe o livro.

Aproveite a Meia-Idade! — O Guia Definitivo para Encontros aos 40, 50 e Mais Além.

Jess soltou uma gargalhada, surpreendida.

— Foi a tua tia Fizzy que te encomendou o sermão?

Juno deu uma risada, deliciada.

— Ela mandou uma mensagem ao avô.

Por cima da cabeça da filha, Jess olhou de relance para o quadro de ardósia ao lado do frigorífico, sentindo um formigueiro a espalhar-se das pontas dos dedos aos braços. As palavras

«Objetivos de Ano Novo» estavam escritas na letra incerta de Juno.

Avó e avô

Arranjar um treinador

Fazer uma caminhada todos os dias

Juno

Aprender a gostar de bróculos

Fazer a cama todas as manhãs

Exprimentar uma coisa nova ao domingo!

Mãe

Exprimentar uma coisa nova ao domingo!

A avó diz: tens de ser mais equísta!

Fazer mais coisas que me dão medo.

Muito bem, universo, pensou Jessica. Já entendi. Se a Sra. Brady conseguiu ser uma pioneira, talvez estivesse na altura de Jess tentar também.

Capítulo 2

O problema das epifanias era que nunca surgiam num momento oportuno. Jess tinha uma filha de 7 anos ligeiramente hiperativa e uma carreira promissora como freelancer, em que lidava com toda a espécie de enigmas matemáticos. Nenhuma destas coisas lhe deixava muito tempo para criar uma lista de atividades de sonho que gostaria de cumprir. Além disso, a filha e a carreira eram o suficiente para si. Tinha quatro boas avenças independentes, e, apesar de não lhe sobrar muito dinheiro ao fim do mês, conseguia pagar todas as suas contas — incluindo a mensalidade astronómica do seguro de saúde — e ainda ajudava os avós. Juno era uma menina feliz. Viviam numa boa zona. Para ser franca, Jess gostava da sua vida tal como ela era.

Porém, a palavras «Fazer mais coisas que me dão medo» pareciam piscar em tons néon sob as suas pálpebras, de cada vez que fechava os olhos, entre uma folha de cálculo e outra.

Na verdade, a falta de encontros devia-se, provavelmente, mais à preguiça que sentia do que ao medo. *Não é que me tenha propriamente atirado de cabeça para esta vida estagnada*, pensou. *Deixei-me deslizar para ela lentamente, e só agora me apercebo de que já nem sequer questiono se as calças de ganga que apanhei do chão e vesti deviam ter sido lavadas ou não*. Jess jamais se queixaria de ter sido mãe aos 22 anos — Juno era a melhor coisa que Alec alguma vez lhe poderia ter dado —, mas seria justo admitir que se dedicava muito mais a fazer o almoço da filha do que a pensar, por exemplo, no que gostaria de encontrar num

futuro companheiro. Talvez Fizzy, a avó e a capa da *Marie Claire* não estivessem assim tão erradas quando sugeriam que Jess precisava de sair da sua zona de conforto e sonhar mais alto.

— Que expressão é essa? — perguntou Fizzy, desenhando um círculo imaginário à volta do rosto da amiga. — Está a faltar-me a palavra...

— Isto? — Jess apontou para a própria cara. — Derrota?

Fizzy assentiu com a cabeça e murmurou, enquanto escrevia.

— «Desviou o olhar da expressão penetrante dele, com a derrota a colorir-lhe as feições leitosas e macilentas.»

— Uau. Obrigadinha.

— Não estou a escrever sobre ti. A tua expressão teve um bom sentido de oportunidade, só isso. — Escreveu mais algumas palavras e a seguir pegou no café. — Como já discutimos em tempos idos da nossa amizade, tu não te consideras uma heroína digna de um dos meus romances, por isso, nunca te irei atribuir outro papel que não seja uma personagem secundária ou uma vilã.

Fizzy estremeceu ao beber o gole de café já demasiado frio — estava claramente na altura de pedir outra bebida —, à medida que as suas palavras atingiam Jess como uma das bofetadas que os Três Estarolas trocavam entre si.

Jess permaneceu em silêncio, a matutar na avassaladora percepção de que a vida iria passar por si sem que ela desse conta disso. Se alguma vez Juno deixasse de viver a vida em pleno, Jess ficaria de coração despedaçado. Só se apercebeu vagamente de que eram 8h24 quando o Americano entrou descontraidamente no café, com aquele seu ar de homem lindo que tinha vários sítios aonde ir e não tinha tempo para empatar no Twiggs. Sem dizer uma palavra, tirou uma nota de dez da carteira e aceitou o troco de Daniel, deixando apenas as moedas no frasco das gorjetas. Jess fitou-o, com uma irritação exagerada a queimar-lhe a garganta.

Ele é forreta nas gorjetas! Isto só veio acrescentar mais um tronco à fogueira mental de Razões Mesquinhas Pelas Quais o Americano é Horrível.

Fizzy estalou os dedos em frente ao rosto dela, chamando a sua atenção de volta à mesa.

— Pronto. Lá estás tu a fazer isso outra vez.

Jess franziu o sobrolho.

— Isso, o quê?

— A comê-lo com os olhos. O Americano. — O rosto de Fizzy rasgou-se num sorriso sabedor. — Acha-lo mesmo sexy.

— Não acho nada. Estava só a olhar para o vazio. — Jess recostou-se, insultada. — Que nojo, Felicity.

— Pois, pois. — Fizzy apontou o dedo ao homem em questão, que hoje envergava calças de ganga escuras e justas e uma camisola leve azul-forte. Jess reparou que o cabelo escuro dele se encaracolava junto à nuca, num comprimento perfeito, que já não era bem curto, mas ainda não precisava de ser cortado. A pele morena, a boca carnuda o suficiente para morder. Ele era tão alto que, visto da cadeira, parecia quase tocar no teto. Mas os olhos... Bem, os olhos eram a atração principal: expressivos, emotivos, de pestanas escuras. — *Isso é que é um nojo. Mas tu lá sabes.*

Jess encolheu os ombros, atrapalhada.

— Ele não faz o meu estilo.

— Aquele homem faz o estilo de toda a gente — replicou Fizzy, com uma gargalhada de incredulidade.

— Bem, podes ficar com ele todo para ti. — Franzindo o sobrolho, Jess observou-o a limpar o balcão dos condimentos com um guardanapo, como costumava fazer. — Estava só aqui a pensar que não consigo encaixar o facto de que ele vai criar uma empresa de casamenteiros. Não é o género de coisa que um cretino como ele faça.

— Eu cá acho que o Daniel não sabe o que estava a dizer. Os homens ricos com um aspeto daqueles são demasiado

comprometidos com o seu trabalho durante o dia e com os portefólios de investimentos durante a noite para pensarem na vida amorosa das outras pessoas.

O Americano virou costas ao balcão dos condimentos e preparou-se para ir embora. De repente, a curiosidade de Jess levou-lhe a melhor, e ela agarrou impulsivamente o braço dele quando ele passou. Ficaram ambos petrificados. Os olhos dele tinham uma cor rara e surpreendente; vistos de perto, o tom era mais claro do que ela esperava. Agora, conseguia ver que eram cor de âmbar, não castanhos. O peso da atenção exclusiva dele era como uma pressão física que lhe comprimia o peito e lhe expulsava o ar dos pulmões.

— Olá. — Jess avançou por entre os nervos que a assolavam e empinou o queixo. — Espera um segundo. Podemos fazer-te uma pergunta?

Quando ela lhe largou o braço, ele puxou-o para trás lentamente e olhou de relance para Fizzy, depois novamente para Jess, e assentiu com um aceno de cabeça.

— Dizem as más-línguas que és casamenteiro — disse ela. Ele semicerrou os olhos.

— As más-línguas?

— Sim.

— E em que contexto surgiu essa conversa?

Jess gesticulou em redor, com uma gargalhada incrédula.

— Estamos no ponto nevrálgico dos mexericos em University Heights. No ninho de todos os rumores. — Aguardou por uma resposta, mas ele continuava de olhos postos nela, perplexo. — É verdade? — insistiu Jess. — És casamenteiro?

— Bem, tecnicamente, sou geneticista.

— Então... — As sobrancelhas de Jess subiram-lhe na testa. Segundo parecia, o Americano sentia-se absolutamente confortável com o silêncio intencional. — Isso quer dizer que não és casamenteiro?

Ele cedeu com um divertido erguer de uma sobrancelha.

— A minha empresa desenvolveu um serviço que estabelece a compatibilidade das pessoas com base numa tecnologia de análise de perfil genético.

Fizzy soltou uma exclamação.

— Que palavras tão caras! Parece uma coisa escandalosa. — Inclinou-se sobre a mesa e escreveu no seu bloco de notas.

— Tecnologia de análise de perfil genético? — Jess estremeceu. — Desculpa lá, mas isso transmite-me uma certa vibração de eugenia.

Fizzy foi rápida a desviar a atenção do Americano da má onda de Jess.

— Eu escrevo romances, e essa tecnologia parece ser a minha *kryptonite* pessoal. — Agitou a caneta no ar, de um modo sensual. — Os meus leitores iriam ficar malucos com isso.

— Qual é o teu pseudónimo? — perguntou ele.

— Escrevo com o meu nome verdadeiro — disse ela. — Felicity Chen.

Estendeu-lhe a mão curvada para ele beijar. Após um instante de hesitação, o Americano apertou-lhe os dedos, num cumprimento breve.

— Os livros dela estão traduzidos para mais de uma dúzia de línguas — gabou Jess, esperando que esta informação apagasse aquela expressão estranha do rosto dele.

E conseguiu. O Americano parecia ter ficado impressionado.

— A sério?

— Vão lançar alguma aplicação? — Fizzy era implacável. — É como o *Tinder*?

— Sim — respondeu ele, e franziu o sobrolho. — Mas não, não é uma aplicação de encontros.

— E qualquer pessoa pode ter acesso a ela?

— Sim, no futuro. É uma... — O telemóvel dele vibrou no bolso e ele tirou-o, franzindo profundamente o sobrolho. —

Desculpem — disse, voltando a guardá-lo no bolso. — Tenho de ir, mas agradeço o vosso interesse. Tenho a certeza de que irão ouvir falar mais disto em breve.

Fizzy inclinou-se para a frente, com um sorriso confiante.

— Tenho mais de cem mil seguidores no *Instagram*. Adoraria partilhar essa informação, se a aplicação for adequada às minhas leitoras, predominantemente mulheres entre os 18 e os 55 anos.

A testa do Americano suavizou-se de imediato e a permanente expressão carregada desapareceu.

Bingo.

— O lançamento vai ser em maio — disse ele —, mas, se quiseres, podes vir ao escritório, assistir a uma explicação, fornecer uma amostra...

— Uma *amostra*? — interveio Jess.

Viu a fugidia expressão de irritação a brilhar nos olhos dele, ao voltar a olhar para ela. Se Fizzy era a polícia namoradeira, Jess era, sem dúvida, a polícia desconfiada, e ele parecia mal conseguir tolerar o fascínio genuíno de Fizzy, quanto mais a desconfiança de Jess.

Fitou-a nos olhos.

— De saliva.

— Desculpa? — disse Jess, deixando escapar uma sonora gargalhada.

— A amostra — esclareceu ele, lentamente — é de saliva.

Os seus olhos deslizaram casualmente do rosto dela para o colo e novamente para o rosto. O coração de Jess sofreu um pequeno sobressalto dentro do peito.

Então, ele olhou para o relógio. *Bem*.

Fizzy tentou conter uma gargalhada, enquanto olhava de um para o outro.

— Tenho a certeza de que ambas seríamos capazes de uma cuspidela. — Sorriu amplamente. — Por ti.

Com um sorriso débil, ele pousou um cartão de visita em cima da mesa; o gesto produziu um baque sonoro.

— Não tem nada que ver com eugenia — acrescentou rapidamente. — Juro.

Jess ficou a vê-lo a ir-se embora. A campainha por cima da porta tocou uma única e triste vez, assinalando a sua saída.

— Ora bem — disse ela, virando-se para a amiga —, qual é a probabilidade de ele ser um vampiro? Vá lá, argumentos a favor e contra.

Fizzy ignorou-a, batendo com o cartão contra a esquina da mesa.

— Olha para isto.

Semicerrando os olhos, Jess olhou pela janela, vendo o Americano a entrar num elegante *Audi* preto, estacionado junto ao passeio.

— Ele estava a tentar convencer-me.

— Hum... Este cartão é qualquer coisa — comentou Fizzy, observando-o com os olhos quase fechados, virando-o na mão. — Aposto que não o mandou fazer numa loja qualquer.

— Saliva — disse Jess, imitando a voz profunda e controlada dele. — Deus do céu, ele não deve trabalhar em marketing, porque tem zero carisma. Assinala bem esta minha opinião, e, quando eu tiver 90 anos, voltamos a analisá-la: ele é a pessoa mais arrogante que vou conhecer em toda a minha vida.

— Podes parar com essa obsessão por ele?

Jess tirou o cartão da mão de Fizzy.

— E tu podes parar com essa obsessão por este cart...? — Parou a meio da palavra, sentindo o peso impressionante do cartão na mão. — Uau. É mesmo grosso.

— Eu bem te disse.

Jess virou o cartão para examinar o logótipo: dois círculos interligados, com uma hélice dupla no ponto de contacto. Na parte

da frente, em baixo, estava o nome verdadeiro do Americano, em letras pequenas e prateadas, em relevo.

— Não estava nada à espera disto. Ele tem cara de Richard, ou talvez de Adam.

— A mim, parece-me mais um Keanu.

— Então, prepara-te. — Jess olhou para Fizzy e sorriu com um ar travesso. — O nome do Americano é Dr. River Peña.

— Oh, não! — exclamou Fizzy, expirando. — Que nome tão sensual, Jess.

Jess soltou uma gargalhada; Felicity Chen era maravilhosamente previsível.

— Bem, é o homem que faz o nome, não o contrário.

— Incorreto. Por muito sexy que um homem seja, o nome Gregg, com dois guês, jamais será sensual. — Fizzy enterrou-se ainda mais na cadeira, corada. — Quão estranho seria se eu desse ao meu próximo protagonista o nome River?

— Muito.

Ainda assim, Fizzy escreveu o nome no bloco de notas, enquanto Jess lia o nome da empresa em voz alta.

— GenéticaMente? GenéticaMente? — Permitiu-se saborear a palavra antes de perceber o seu verdadeiro significado. — Ah, já percebi. Diz-se «geneticamente», mas tem a maiúscula ali no meio para lhe dar um ar mais inteligente. Ouve só este slogan: «O seu futuro já existe dentro de si.» Uau. — Pousou o cartão na mesa e recostou-se na cadeira, a sorrir. — «Dentro de si?» Será que alguém leu isto em voz alta antes de mandar imprimir os cartões?

— Nós vamos lá — disse Fizzy, ignorando o comentário mordaz de Jess e arrumando as coisas na mala.

Jess fitou-a de olhos arregalados.

— Estás a falar a sério? Agora?

— Ainda tens mais de cinco horas até ires buscar a Juno. E La Jolla fica a meia hora de distância de carro.

— Fizzy, ele não me pareceu muito entusiasmado por estar a falar connosco sobre este assunto. Estava mortinho por se ir embora.

— E então? Pensa nisto como uma investigação: eu tenho de ir ver como é este lugar.

Havia apenas quatro carros no enorme parque de estacionamento, e foi com uma gargalhada que Fizzy estacionou o seu novo mas modesto *Camry* azul ao lado do *Audi* brilhante de River.

Sorriu amplamente para Jess, que estava do outro lado da consola de couro.

— Estás preparada para encontrar a tua alma gémea?

— Não, não estou. — Mas Fizzy já tinha saído do carro. Jess saiu também, observando o edifício de dois andares à sua frente. Tinha de admitir: era impressionante. A fachada de madeira polida ostentava o nome da empresa, GenéticaMente, em enormes letras de alumínio escovado; no segundo piso, viam-se janelas largas e modernas em betão cru e brilhante. O logótipo, com os dois anéis de ADN, estava impresso nas portas largas da entrada, que se abriram para fora quando Fizzy lhes deu um puxão suave. Jess e Fizzy entraram para o átrio, elegante mas deserto.

— Hum — murmurou Fizzy. — Isto é esquisito.

Os seus passos ecoaram pelo chão, enquanto se dirigiam à gigantesca secretária de mármore que ficava a quase um campo de futebol de distância da entrada. Tudo ali gritava *luxo*. Não havia dúvida de que estavam a ser filmadas por pelo menos cinco câmaras de vigilância.

— Olá — disse uma mulher, ao erguer o olhar para elas, a sorrir. Também ela tinha um ar luxuoso. — Posso ajudá-las?

Fizzy, sempre senhora da situação, apoiou os antebraços na secretária.

— Viemos falar com o River Peña.

A rececionista pestanejou e verificou a agenda com um olhar espantado e em pânico.

— Ele está à vossa espera?

Jess apercebeu-se dolorosamente de que ela e Fizzy tinham aparecido sem mais nem menos e pedido para falar com a pessoa que mandava ali.

— Não — admitiu, enquanto Fizzy dizia:

— Está, sim.

Fizzy desconsiderou a resposta de Jess com um aceno de mão.

— Pode dizer-lhe que a Felicity Chen e a sua sócia estão aqui.

Jess tossiu para disfarçar uma gargalhada, e a rececionista, cautelosa, gesticulou para o livro de registo de entradas.

— Muito bem. Então, se não se importam, assinem o registo. E preciso de ver os vossos documentos de identificação. Estão aqui para uma apresentação? — Anotou as informações dos documentos de ambas.

Jess franziu o sobrolho.

— Uma quê?

— Quero dizer... ele recrutou-vos para fazerem um Duo-ADN? — perguntou.

— Um Duo-ADN. É isso mesmo. — Fizzy sorriu com um ar matreiro, enquanto escrevia os nomes delas no registo de entradas. — Ele viu duas mulheres solteiras lindas sentadas no café e implorou-nos que viéssemos cuspir para um tubo de ensaio.

— Fizz. — Jess questionou-se, pela milionésima vez, por que motivo andava sempre atrás de Fizzy, a varrer o caos que a amiga semeava. Estar com Fizzy fazia-a sentir-se, ao mesmo tempo, mais viva e mais entediante.

A rececionista retribuiu um sorriso educado, enquanto lhes devolvia os documentos, e indicou-lhes um sofá para se sentarem.

— Vou informar o Dr. Peña de que estão aqui.

Quando Jess chegou aos sofás vermelhos, sentiu-se capaz de jurar que os traseiros de ambas eram os primeiros a pousar naqueles assentos. Não havia um grão de pó em lado nenhum, nenhum indicador de que outros corpos haviam tocado ali.

— Isto é estranho — murmurou. — Temos a certeza de que esta empresa não é uma fachada para um culto de roubo de órgãos vitais, ou algo do género? — Tocou cuidadosamente numa pilha alinhada de revistas científicas. — Eles usam sempre as pessoas mais bonitas como isco.

— Dr. Peña. — Fizzy pegou no bloco de notas e lambeu a ponta da caneta, simulando pudor. — Agora é que vou mesmo dar o nome dele a um dos meus protagonistas.

— Se eu sair daqui só com um rim, fica sabendo que vou exigir que me dê um dos teus — disse Jess.

Fizzy batucou com a caneta no papel.

— Questiono-me se o River Peña teria um irmão. Luis. Antonio...

— Tudo isto custa muito dinheiro. — Jess passou a mão sobre a pele suave do sofá. — Quantos rins achas que este sofá vale? — Pegou no telemóvel e escreveu algo na barra de pesquisa. Depois, ficou boquiaberta ao ver o resultado. — De acordo com o *Google*, o valor atual de um único rim é de 262 mil dólares. Por que motivo me esfalfo a trabalhar? Podia sobreviver só com um rim, não podia?

— Jessica Davis, parece que é a primeira vez que saís de casa.

— Quem está para aí a construir a árvore genealógica fictícia dele és tu! O que é que viemos aqui fazer, afinal?

— Viemos encontrar *o tal*? — disse Fizzy, e a seguir sorriu-lhe com um ar matreiro. — Ou recolher algumas informações espetaculares para um livro.

— Tens de admitir que, quando olhas para o Dr. River Peña, não pensas: «Ah, olha que alma tão romântica.»

— Não — concedeu Fizzy —, mas olho para ele e penso: «Aposto que tem um pênis fantástico.» Viste bem o tamanho das mãos dele? Era capaz de me levar só pela cabeça, como uma bola de basquete.

Ouviram alguém a pigarrear, e, quando ergueram a cabeça, depararam-se com River Peña a menos de um metro de distância.

— Bem, vocês as duas não perderam tempo.

Jess ficou estarecida, e as únicas palavras que lhe saíram da boca foram:

— Oh, merda.

— Ouviste o que eu acabei de dizer? — perguntou Fizzy.

Ele expirou lenta e controladamente. Era evidente que ouvira.

— Ovi o quê? — acabou por perguntar.

Fizzy levantou-se e puxou Jess atrás de si.

— Ótimo. — Fez uma vénia graciosa na direção de River.

— Então, vamos lá.

E se um teste de ADN fosse capaz de juntar duas pessoas muito diferentes?

Com 30 anos, uma filha pequena e um historial de deceções amorosas, Jess Davis desistiu dos encontros românticos. Afinal de contas, a sua vida está cheia de maus exemplos: o pai nunca esteve presente, a mãe entregou-a ao cuidado dos avós quando ela era pequena e o ex-namorado deixou-a durante a gravidez. E, agora, no seu atarefado dia a dia não há espaço para mais nada nem ninguém.

Porém, quando ouve falar da GenéticaMente, uma empresa que determina a compatibilidade de qualquer casal com base numa análise de ADN, a desconfiança de Jess em relação ao amor começa a dar lugar à curiosidade. Sobretudo depois do incentivo da sua melhor amiga Fizzy, uma bem-sucedida escritora de romances, sempre pronta a descobrir novas fontes de inspiração para as suas histórias.

Quando o resultado do seu teste revela uma enorme compatibilidade com River Peña, o insuportável fundador da empresa, Jess não consegue acreditar que aquela pessoa possa ser a sua alma gémea. E só perante uma oferta irrecusável é que se dispõe a conhecê-lo melhor e descobrir se, em matéria de amor, a ciência estará certa ou errada.

«Com o tom divertido que os fãs de Christina Lauren tanto adoram, este livro doce, encantador e alegre é a companhia ideal para quem está à procura de um romance ligeiro mas arrebatador.»




Library Journal

Já leu os outros livros desta dupla?



Penguin
Random House
Grupo Editorial

Ficção Romântica

 penguinlivros.pt
  [penguinlivros](https://www.instagram.com/penguinlivros)

ISBN 9789896233204



9 789896 233204 >